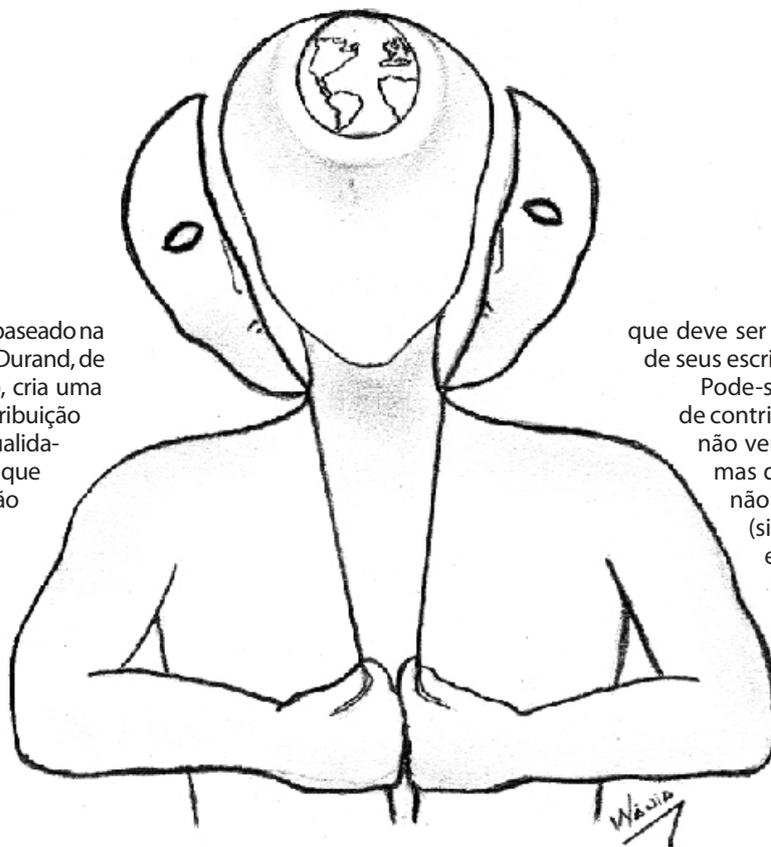


Elementos de método na obra de Michel Maffesoli

Michel Maffesoli, baseado na obra de Gilbert Durand, de quem foi aluno, cria uma obra original e de grande contribuição para a compreensão de uma atualidade pós-moderna, na medida em que elege por campo de estudo não mais a mitologia ou a literatura, mas o cotidiano. É este cotidiano que vai ser trabalhado pelo autor - numa linha fenomenológica decorrente dos trabalhos de Gilbert Durand, tais como: o método de convergência, o trajeto antropológico e as estruturas do imaginário (Durand, 1989).

Para Maffesoli, a complexidade do mundo pós-moderno exige do cientista social a criação de novos conceitos, ou melhor, noções, que, dentro de uma perspectiva fenomenológica, dêem conta da diversidade e especificidade da vida do homem comum, na sua vivência do dia a dia. Trata-se de propor uma sociologia atenta "àquilo que funda em profundidade, a vida corrente de nossas sociedades, neste momento em que finda a era moderna" (Maffesoli, 1987). Vida corrente, como conta corrente: aquela usada a todo instante. Trata-se de fazer surgir o que está presente nesta vivência e que nem sempre é fácil de discernir: "O destaque dado aos diversos rituais, à vida banal, à dubiedade, aos jogos da aparência, à sensibilidade coletiva, ao destino, em



resumo, à temática dionisíaca, se ele pôde fazer sorrir, não deixa de ser utilizado, de diversas maneiras, em quantidade de análises contemporâneas" (Maffesoli, 1987). Nossa época não corresponderia mais à linearidade da história, mas à redundância do mito. O "trajeto antropológico", então, poderia ser apreendido não só através do mito propriamente dito, mas dos múltiplos gestos do cotidiano, dos movimentos de ida e volta contínuos da vida em sociedade (Maffesoli, 1996).

Além da ênfase dada ao cotidiano e ao banal, Maffesoli afirma a importância de, na atualidade pós-moderna, se fazer uma ciência inscrita na tradição compreensiva que proceda por verdades aproximativas. No entanto, o autor não sistematiza um método: ele propõe um método teórico

que deve ser percebido nas entrelinhas de seus escritos.

Pode-se dizer que, de fato, a grande contribuição de Michel Maffesoli não vem tanto do método em si, mas do terreno que ele propõe: não mais monografias clássicas (situação geográfica, história, economia etc.), de grupos ou tribos; não mais análise da produção desses grupos (artística ou outra); mas análise do gesto maquinal de todos os dias, das paixões, desses elementos que fazem com que cada indivíduo se levante a cada manhã. Aqui, é o objeto de estudo

que vai induzir o método, baseado em uma lógica outra.

Tendo por objeto de estudo a sociedade contemporânea, com suas características pós-modernas, Michel Maffesoli foi elaborando, ao longo de sua obra, elementos teóricos, conceitos e métodos que dessem conta da complexidade desse objeto.

De sua formação, na linha de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, herdou a sensibilidade para uma abordagem fenomenológica e a consciência da importância da dimensão dinâmica e conflitante da vivência social, sem perder de vista a dimensão mítica a ela subjacente. Assim é que a noção de "trajeto antropológico" vai estar presente em toda a sua obra,

assim como a atenção à redundância dos temas.

Mas, a preocupação com o objeto de estudo citado implicaria trabalhar conceitos novos como o de tribalismo, socialidade, proximidade, centralidade subterrânea, além de componentes do social pós-moderno como o policulturalismo e a multiplicidade, com suas dimensões de paixão, de emoção. É preciso a sensibilidade do poeta para “penetrar amorosamente as intimidades”, como diz Gilbert Durand.

Tendo em vista a estreita relação existente entre teoria e método na obra de Michel Maffesoli, serão apresentados em seguida os principais conceitos teóricos por ele utilizados.

Para o autor, o cotidiano é “menos um conteúdo do que uma colocação em perspectiva”. Esta perspectiva deve ser holista (conforme Durkheim). “Trata-se de utilizar os conceitos como tantas metáforas que permitem sentir (éprouver) a vida, os fatos, em todas as suas concretudes” (Maffesoli, 1988, p. 195): trata-se de receber a vida no lugar de reduzi-la. Para tanto não se deve manter fidelidade a conceitos, pois o próprio conceito não é estável na medida em que depende de posições e pontos de vista. Para o autor, “trata-se simplesmente de delinear uma teoria do conhecimento que admita que o não acabamento estrutural da socialidade implica um não acabamento intelectual” (p.198), ou seja, a elaboração do conceito equivale ao estado intelectual do indivíduo que o formula. Daí a necessidade de se desenvolver uma nova maneira de pensar por chréode, como diz Gilbert Durand, como “caminhar necessário”. Existe um hedonismo do cotidiano que subtende a vida (Maffesoli, 1996, p.11).

É o cotidiano na sua dinâmica, na sua polissemia, na sua pluralidade, na sua contraditoriedade, nas suas redundâncias, que deve ser apreendido por meio da sensibilidade, da sensorialidade, da compaixão do pesquisador.

Na modernidade, o que caracterizava o indivíduo era a sua função social, fosse na sociedade como um todo, fosse nos partidos, associações ou grupos estáveis. Na pós-modernidade, “a persona representa papéis, tanto no interior de sua atividade profissional como no seio das diversas tribos das quais participa” (1987, p.98). Onde a teatralidade da socialidade esconde, ou contém, a profundidade.

Motivo pelo qual deve-se estar atento aos componentes desta socialidade: as paixões, os gestos, os discursos.

Para se abordar a socialidade é necessário aceitar a existência da heterogeneidade, da complexidade, da impossibilidade de se introduzir a realidade em bocais etiquetados. Nessa perspectiva, o povo (como mito) não é mais uma massa disforme, ambígua e monstruosa para, “invertendo-se o olhar” (1987, p.76), ser considerado como local determinante da vida das sociedades.

Assim é que Maffesoli propõe “leis” sociológicas: 1) “Os diversos modos de estruturas sociais são válidos somente na medida, e se aí ficarem, em que este-

jam em adequação com a base popular que lhes serviu de suporte” (1987, p.80); 2) “O poder pode e deve se ocupar da gestão da vida, a potência por sua vez é responsável pela sobrevivência” (p.84). Por sobrevivência o autor entende: aquilo que funda, ultrapassa e garante a vida.

Existiria, pois, uma vitalidade própria da sociedade atual, baseada em valores de convivialidade afetiva e sensorial, sem projetos, definindo uma socialidade nova (as tribos, por exemplo), a vivência da pós-modernidade.

Dentro da perspectiva fenomenológica e com as propostas já citadas, Maffesoli levanta algumas hipóteses de trabalho, ou pressupostos.

O primeiro pressuposto de base expõe a necessidade de se levar em consideração “a vida cotidiana, o hedonismo, o cepticismo, ou seja, a valorização da vivência” (1988, p.165).

“O dinamismo societal que, de uma maneira mais ou menos subterrânea, percorre o corpo social, deve ser posto em relação com a capacidade que têm os microgrupos de se criar”, ou seja, “a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão a mais completa (achevé) da criatividade das massas” (1987, p.123).

Hipótese central: “há (e haverá) cada vez mais um vaivém constante entre a tribo e a massa. Ou ainda: no interior de uma matriz definida se cristaliza uma multitude de pólos de atração. Em uma ou outra destas imagens, o cimento da agregação - o que poderemos chamar experiência, vivência, sensível, imagem - esse cimento pois é composto pela proximidade e o afetual (ou emocional); a que nos reenviam a área, o minúsculo, o cotidiano” (1987, p.182)

Nessa perspectiva, é preciso levar em conta a existência de uma lógica outra, que Gilbert Durand chamou de alogia.

Em oposição à perspectiva positivista, a proposta de Maffesoli é no sentido de uma apreensão do social que não determine o que “deve ser”, nem que pretenda orientar, nem dar sentido. A pretensão é participar da “polifonia” do discurso social. Segundo a perspectiva fenomenológica, não se trata de explicar, mas de compreender. Trata-se de perceber “a lógica dinâmica das contradições” que constitui tanto as microcriações como as grandes obras da cultura” (1987, p.77). Neste quadro não se pode descartar a contradição. A vivência do mundo pós-moderno equivale à vivência do relativismo, o que leva a tomar conhecimento do pluralismo das razões e da necessidade, nesta abordagem, da intuição poética.

De fato, a razão se apresenta como extremamente variável, plural e, diz o autor, “o que chamamos razão tende frequentemente a justificar e a reduzir uma paixão em ato” (1988, p.59). É o imaginário criador, composto desta multiplicidade de razões, que vai se constituir em uma lógica própria.

A lógica em pauta será aquela que não corresponde a uma razão específica, e sim a que integra a contradição na compreensão, tomando raízes nas paixões da efervescência social.

Constata, então, o autor a presença de uma centralidade subterrânea em ação constante no fazer social. Apreender esta centralidade implica desenvolver uma sociologia específica.

O tipo de sociologia aqui proposto é uma “sociologia por dentro”, aquela que vai ao âmago das aparências, relacionada com o holismo proposto por Durkheim. O objetivo é apreender o subjacente a partir das aparências expressas no cotidiano. A ênfase será dada à centralidade subterrânea como constituinte da socialidade. Ela diz respeito à clandestinidade, àqueles pequenos fatos aparentemente

sem importância, mas que têm valor em si próprios, e que para percebê-los deve-se estar atento ao instante, ao presente.

As grandes categorias que permitem esta apreensão são: a duplicidade, a teatralidade, o trágico e o ritual. "Não se trata mais de corte ou de ruptura epistemológica, nem de distanciamento crítico, mas bem mais de uma compreensão do presente popular (que reencontramos na redundância e na teatralidade) através de variações intelectuais que não demonstram, mas que dizem" (1988, p.191).

Contrariamente ao produto de uma ciência positiva, a apreensão da centralidade subterrânea não vai ser demonstrável. Por outro lado, o seu conteúdo não vai ser "lógico" na medida em que justapõe contradições e possui elementos "monstruosos", o que leva o autor a se referir à monstração.

A noção de forma, ou formismo, servirá para a apreensão desta centralidade. Maffesoli entende por procedimento formista o modo de conhecimento que privilegia as formas, as figuras da realidade social: "...a forma é uma matriz que preside ao nascimento, ao desenvolvimento e à morte dos diversos elementos que caracterizam uma sociedade" (1996, p.127). Nesse sentido, a forma é formadora, assim como para Gilbert Durand a estrutura é estruturante, é antes um dinamismo organizador.

"As coisas existem porque se inscrevem em uma forma", diz o autor (1988,



p.98). O que é chamado de forma é "um polípedo que tem implicações estéticas, éticas, econômicas, políticas e claro gnoseológicas" (p.101). O jogo social é composto pela multiplicidade das formas que constituem o formismo. O formismo, por sua vez, vai ser responsável pelas grandes configurações. As aparências têm formas múltiplas. A percepção da forma e da dinâmica que a subtende é que vai dar conta do tipo de vitalidade que está em obra em dado momento. O formismo somado ao vitalismo vão constituir os pólos da sociologia compreensiva.

A forma se diferencia do conceito na medida em que o conceito "fecha" o significado excluindo outras possibilidades, enquanto a forma aglomera progressivamente, aproximando-se do que Pareto chamou de "resíduo".

Pode-se falar na forma de um problema, na forma como caminho necessário, numa forma formante e não formal. O formismo seria a maneira de se colocar o problema do singular e do universal na medida em que é na forma, como pensamento da globalidade, que se encontram.

Como novo paradigma, as modulações da forma correspondem às categorias poder, potência, teatralidade, duplicidade, trágico... (1988, p.118).

A atitude formista, ao contrário da formalista, segundo Maffesoli, permite uma abordagem do social sem julgamentos de valor, sem projeção daquilo que é observado para um futuro ideal: "Assim, paradoxalmente, a atitude formista é respeitosa da banalidade da existência, das representações populares e das minúsculas criações que pontuam a vida de todos os dias" (1988, p.102).

São, pois, os elementos teóricos apresentados até agora, entre outros, que vão induzir o método adotado por Michel Maffesoli. Método considerado aqui, segundo a etimologia da palavra, como um "en-caminhamento" (mise en chemin). E esse caminho deve permitir a utilização de uma aproximação "feita de heterogeneidades, de paradoxos e antagonismos". "A simplicidade da existência tem por corolário a dificuldade de ser expressa, mas é em parte esta mesma dificuldade que serve de cimento ao estar-junto" (1988, p.173) O autor chama a atenção para "o aspecto ondulatório dos elementos que estruturam a existência" e para a necessidade de se levar em conta a estática e a dinâmica que se encontram conjuntamente na sabedoria popular. Trata-se de

apreender o "pluralismo coerente".

Três etapas estão presentes neste caminho: o procedimento analógico, a pesquisa estilística e as correspondências.

No procedimento analógico, a finalidade é valorizar as representações e mostrar o formismo da vida social. Perceber a labilidade, o aspecto polissêmico da vivência social. Implica comparação. A analogia é "a modulação da compreensão daquilo que é móvel, com a ajuda de situações ou de experiências que lhes são comparáveis" (1988, p.21). Quando elementos heterogêneos estão em presença, é criada uma "ambigüidade fecunda". Neste caso deve-se proceder "como se", tentar perceber mais o como do que o porquê. Procurar as correspondências que permitem estabelecer comparações. Trata-se de participação simbólica. Trata-se de um "mecanismo de 'pseudo-morfose' que faz com que uma forma arcaica sirva de matriz para uma coisa que se apresenta como nova" (Maffesoli, 1988, p.131).

Tendo em vista a componente do imaginário sempre presente nas estruturas tanto individuais quanto sociais, é necessário igualmente levar em conta os arquétipos, onde se encontram a dimensão racional e a do imaginário. Sendo dinâmico, o arquétipo informa sobre a polarização que caracteriza o espaço cotidiano.

Decorre da proposta teórica o cuidado em não colocar o produto da observação em uma linha significativa preestabelecida; desta maneira, o procedimento vai ser o da "colagem", em que as diversas imagens vão ser justapostas para, só no final, formarem pela suas dinâmicas próprias, o quadro significativo. "A analogia é assim este método que por comparatismo serve de ligação entre estas múltiplas facetas de uma representação global. Pode-se mesmo precisar que o liame analógico não se limita às comparações que podem ser estabelecidas contemporaneamente; ele pode com efeito permitir, graças às contribuições da história, da etnologia ou da antropologia, tornar perceptível o que há de invariante e de movente nas sociedades" (Maffesoli, 1988, p.136). Estas propostas se aproximam da determinação do "trajeteto antropológico" de Gilbert Durand.

No que diz respeito à correspondência física e social, relembando a "procura das correspondências" de Levi-Strauss, o autor expressa importância de se levar em conta a correspondência que remete à valorização do espaço, pois no espaço existe um investimen-

to do social. A valorização do espaço se traduz atualmente pelos movimentos regionalistas e ecológicos. O problema da alteridade só pode ser compreendido relacionado ao do meio ambiente.

A abordagem pela correspondência diz respeito à proposta compreensiva abrindo espaço para a intuição e a comparação, considerando a dimensão sensível da existência social. "Ela reinveste a carga mítica que move a socialidade de base" (Maffesoli, 1988, p.148). O cotidiano é o responsável pelas modulações da correspondência.

A saturação (conforme Sorokin) de valores como o progressismo e o individualismo, dá espaço aos de correspondência e solidariedade. Estes valores dizem respeito a uma vivência simbólica.

A correspondência é um instrumento de análise pertinente porque se encontra em ressonância com o vaivém entre paixão e meio ambiente (Maffesoli, 1988, p.152 e Durand, 1989). O "reencantamento do mundo" se daria por correspondência. "É neste sentido que a noção de correspondência é o ponto nodal que assegura a junção dessas três dimensões que estruturam toda sociedade: a relação à alteridade natural, a relação à alteridade social e o conhecimento que se pode ter destes" (Maffesoli, 1988, p.155).

Quanto à pesquisa estilística, para Maffesoli toda abordagem intelectual representa uma "estilização da existência". É por meio da determinação do estilo de vida de uma época, de uma sociedade ou de um grupo, que se atinge o conhecimento dos mesmos em profundidade. A procura do estilo de vida corresponde à mudança atual de paradigma. Certos momentos culturais vêm surgir novas formas (1987, p.122). Maffesoli propõe então o paradigma tribal para o qual o grupo somente é compreensível no interior de um conjunto. Trata-se de uma perspectiva relacionista.

O estilo tem a ver com ambiente, com estado de espírito e se expressa pela aparência e pela forma. "Trata-se, de certa forma, de um inconsciente coletivo (ou não-consciente) que serve de matriz à multiplicidade das experiências, das situações, das ações ou deambulações grupais" (Maffesoli, 1987, p.125). Existiria uma lógica tribal que é componente da rede da massa. A eferescência própria de cada grupo é que acaba determinando o estilo de vida mais geral.

"De fato não são tais ou quais estilos de vida que podem ser considerados como proféticos, é a sua confusão (em-

brouillamini) que o é. Com efeito, se é impossível dizer o que vai emanar para formar uma nova cultura, pode-se todavia afirmar que esta será estruturalmente plural, contraditória" (Maffesoli, 1987, p.127). O estilo é feito de "diálogos, de notações que não têm forçosamente ligações lógicas, nele se reencontram esses odores e esses sons que são próprios de toda animação não imposta do exterior" (Maffesoli, 1988, p.175).

Explicitando mais a noção de estilo e suas decorrências metodológicas, o autor escreve: "Assim como o mito é uma 'encruzilhada' metalingüística ou metahistórica (H. Corbin, G. Durand, C. Lévi-Strauss), o estilo cotidiano é igualmente um cruzamento de ações e de palavras que têm necessidade, para ser descrito, de uma multiplicidade de sinais indicadores permitindo uma 'colocação em situação' tão completa quanto possível. Naturalmente estes não criam senão a condição de possibilidade de uma abordagem mais exaustiva, mas é graças a sua diversidade que se poderá situar tal 'local social' em relação aos outros e em relação ao meio ambiente que é o seu" (Maffesoli, 1988, p.178). Estas observações permitem, segundo a proposta inicial do autor, dar conta a um só tempo das "invariâncias" e do aspecto ondulatório dos elementos que estruturam a existência.

Em resumo, pode-se dizer que a proposta metodológica de Maffesoli, visando à compreensão em ato do societal, exige um exercício, por parte do pesquisador, de empatia com o objeto de estudo e a consciência do pluralismo característico do mesmo. O tipo atual da sociedade é que induz o método. Nesta sociedade, o "grupo primário" - caracterizado pela comunidade de afetos - seria fundante. Onde a importância, por exemplo, do método biográfico (Ferrarotti). O método vem assentado no tripé experiência, coletivo, vivência. Ou ainda: senso comum, presente, empatia, que formam o aspecto comunitário. As categorias operatórias são: o tipo (ao qual se é agregado), a subjetividade e a intersubjetividade. Perspectiva na qual a socialidade é vista como "a alma da coletividade".

Bibliografia

- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. "O paradigma estético: a sociologia

como arte". Rio de Janeiro: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1986, n.21.

_____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *La contemplation du monde: figures du style communautaire*. Paris: Bernard Grasset, 1993

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROCHA PITTA, D. P. *Métodos do imaginário*. 1994 (no prelo).

* Danielle Perin Rocha Pitta é Doutora em Antropologia e Professora da Pós-Graduação em Antropologia